

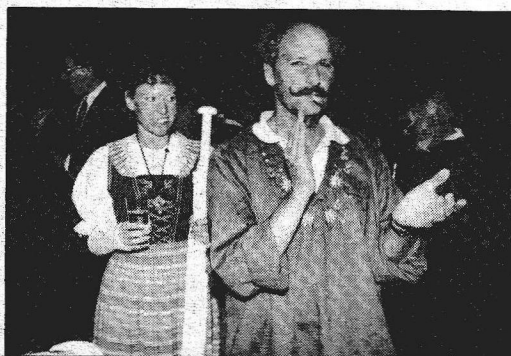
Três sociedades de uma só Brasília

Diplomatas, políticos e elite local formam três circuitos que só às vezes se encontram

A LOCAL



A DIPLOMÁTICA



A POLÍTICA



Igual a Washington, em Brasília vivem três sociedades que raramente se cruzam e se festejam. A local, formada na maioria pelas famílias de empresários, profissionais liberais e altos funcionários que mantêm endereço fixo na capital da República; a diplomática, que transforma a Avenida das Nações numa espécie de esquina do mundo, e a temporária, constituída por políticos e autoridades governamentais que dura o tempo exato de um mandato parlamentar, governamental ou presidencial. Tudo isso misturado num salão só seria, sem dúvida, uma grande salada de gostos, costumes e interesses. O que vez por outra acontece.

O perfil brasiliense da turma do cham-

pagne não poderia ser mais diversificado, o que permite festa o ano inteiro, numa espécie de vantagem sobre as outras cidades. Num universo onde as contas bancárias se medem em dólares e cifras que ultrapassam os dez dígitos, não poderia ser diferente. Se há crise política, as comemorações desaparecem temporariamente do setor. Se o problema for internacional, não vai respingar em todos os belos prédios do Setor das Embaixadas. Se a crise for financeira, não há problemas. Nada como o caviar e o vinho do Reno servidos por gerações impecáveis para que os novos negócios sejam feitos e a crise superada. Se tiver lobista por perto, então nem se fala. Tudo fica

resolvido no último gole do licor italiano servido nas primeiras horas da madrugada.

Entre si, as três sociedades têm o gosto pela sofisticação e o requinte. Cada uma ao seu modo. Mas, como toda regra tem exceção, a brejuice também costuma passear pelos salões da corte e nas residências funcionais. O que não se constitui motivo para ninguém torcer o nariz. Uma das vantagens nas festas brasilienses é que os convidados costumam respeitar o gosto de cada um. Muitas vezes por opção, outras por desinformação. Na disputa para se oferecer a melhor recepção, quem sai ganhando são os felizardos, frequentadores que têm a chance de assistir, enquanto se deli-

ciam com o que há de melhor na arte culinária e nas adegas das casas, a cantores famosos em shows particulares.

Conseguir juntar a nata dos representantes das três sociedades numa festa está se transformando em sinônimo de prestígio na capital do País. Uma missão tão difícil quanto a de impedir que os tradicionais penetras, usando variadas desculpas, atravessem os portões fortemente vigiados. Tão difícil como proibir aquele tipo de convidada que, com o rosto empapuçado de maquiagem, que só lê Sidney Sheldon, continua falando em William Faulkner, dando um fora atrás do outro. Quando não, o convidado que confunde os partidos e troca o nome dos países.